

MEUS TEMPOS DE CRIANÇA

Recordo-me sempre dos meus tempos de menino, quando meu bisavô me colocava em seu colo para contar as histórias do meu povo. Embora entendesse pouco da narrativa, ficava deslumbrado com a intensidade de sua rouca voz amaciada pelo tempo. É que parecia que meu velho bisavô se transfigurava ao dizer o indizível retratado nos contos que narrava com tamanha convicção. Era como se visse o invisível... Contava as histórias que deram origem ao nosso povo; os mitos primordiais que estruturaram a visão do universo habitado pela “minha gente”.

[...]Sentávamos no terreiro em frente às nossas casas e, muitas vezes, só levantávamos quando o sol se apresentava para nos saudar.[...] Quantas vezes vaguei em meio às estrelas, embalado ao som da música que ouvia na narração do velho bisavô. Quantas vezes fui arrebatado para os confins longínquos do universo por imaginar-me o herói civilizador do meu povo! Nessa época, tinha pouco mais de cinco anos!

Hoje, tantos anos depois daquela experiência e já curtido pelo contato com outras culturas, posso refletir sobre o que vi e vivi durante aqueles anos e dizer o que me fez e faz calar quando recordo, com saudades, das narrativas que meu bisavô contava.

Parece-me que hoje posso dizer que as histórias que aquele velho contava eram seus próprios sonhos ou, ao menos, eram como sonhos que não diziam nada acerca deste mundo externo em que nos movemos, mas, por outro lado, dizem muito de um mundo que mexe em nossas entranhas. Aprendi, depois, que as histórias são falsas, porém muitas vezes, deparei-me com pessoas que choravam por causa delas e, estranhamente, que esse choro as tornava verdadeiras! O mistério estava resolvido, porque notei que as histórias delimitam os contornos de uma grande ausência que mora em nós.[...]

Tudo isso é poesia pura! E é por meio dela que eu consigo compreender o que é ter uma identidade que se formalize na tradição oral. Não dá para ser diferente. Se alguém quiser compreender minha cultura, comece a ler nossas histórias, comece a sintonizar com os nossos heróis, comece a vivenciar nossa poesia!

Fonte: MUNDURUKU, Daniel. **Histórias de índio**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2016.p. 30-40.